



## VERA MANTERO

Estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Começou a sua carreira coreográfica em 1987 e, desde 1991, tem mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura.

Dos seus trabalhos destacam-se os solos *“Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois”* (1991), *“Olympia”* (1993), *“uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings\*”* (1996), *“O que podemos dizer do Pierre”* (2011), *“Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional”* (2012) e *“Salário Máximo”* (2014), e as peças de grupo *“Sob”* (1993), *“Para Enfastiadas e Profundas Tristezas”* (1994), *“Poesia e Selvajaria”* (1998), *“Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza”* (2006) e *“Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos”* (2009). A cocriação da artista com o escultor Rui Chafes, *“Comer o Coração”*, constituiu a representação oficial de Portugal na 26ª Bienal de Arte de São Paulo (2004).

Em 2013 e 2014 criou as instalações performativas *“Oferecem-se Sombras”* e *“Mais Pra Menos Que Pra Mais”*, esta última uma parceria entre a Culturgest e o Maria Matos Teatro Municipal (no âmbito do projeto Create to Connect, financiado pela Comissão Europeia). Estes projetos, bem como a nova criação *“O Limpo e o Sujo”*, a estrear no Maria Matos em abril de 2016, refletem o posicionamento de Vera Mantero relativamente a temas e preocupações fulcrais da atualidade: questões de sustentabilidade ambiental e económica, de coesão social e inclusão, de Cidadania.

Foi convidada por Boris Charmatz para integrar *“20 Dancers for the XX Century”*, um arquivo vivo dos solos coreográficos mais representativos do século XX, que teve lugar na Tate Modern (Londres) e na Opéra de Paris / Palais Garnier (Paris), em 2015, e que fará a abertura do Tanzkongress na Staatsoper, em Hannover, em junho de 2016. Ao longo de um ano (abril 2015 – abril 2016), a cidade do Fundão dedica um programa à artista intitulado *“Programa-Projeto Passagem #2”*, que inclui a apresentação de vários espetáculos e a recriação de *“Comer o Coração”* para o circuito de arborismo do Parque do Convento no Fundão. Esta nova versão, designada *“Comer o Coração nas Árvores”*, irá também ser apresentada no Parque da Fundação de Serralves, no Porto, e no Jardim Botânico de Coimbra, em 2016, integrando uma nova escultura de Rui Chafes.

O seu trabalho artístico tem sido amplamente reconhecido, com prémios institucionais como o *Prémio Almada* do Ministério da Cultura (2002) ou o *Prémio Gulbenkian Arte* pela sua carreira como criadora e intérprete (2009), ou através da apresentação

de uma retrospectiva do seu trabalho, organizada pela Culturgest em 1999, intitulada “*Mês de março, Mês de Vera*”. O influente jornal brasileiro *O Globo* elegeu “*Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional*” como uma das 10 melhores peças de dança apresentadas em 2014.

Participa regularmente em projetos internacionais de improvisação ao lado de improvisadores e coreógrafos como Lisa Nelson, Mark Tompkins, Meg Stuart e Steve Paxton. Desde 2000 dedica-se igualmente ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental. Leciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

*Para mim a dança não é um dado adquirido. Acredito que quanto menos o adquirir mais próxima estarei dela. Uso a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessito de perceber. Deixei de ver sentido num performer especializado numa disciplina (um bailarino ou um ator ou um cantor ou um músico) e passei a ver sentido num performer especializado no todo. A vida é um fenómeno terrivelmente complicado e rico e vejo o trabalho que faço como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o meu e o dos outros, luta que considero essencial agora e sempre.*

+ info [www.orumodofumo.com](http://www.orumodofumo.com)